

Ana Ferreira*

Os sentidos internos e o intelecto na *Sentencia cum Questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* atribuída a Pedro Hispano

Internal Senses and Intellect in the *Sentencia cum Questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* attributed to Peter of Spain

Abstract

This study aims to present the internal senses and intellect in the theory of the abstraction of Pedro Hispano's on *Sentencia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* and the functions of these elements in the theory of abstraction, detaining the role of the cognitive faculties as well as the internal senses, the possible intellect and the agent intellect.

Keywords: abstraction; internal senses; intellect.

Ancient and medieval authors: Aristotle; Petrus Hispanus.

Resumo

Este estudo tem como objetivo apresentar os sentidos internos e o intelecto presentes na teoria da abstração de Pedro Hispano presente na *Sentencia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* e as suas funções destes elementos na teoria da abstração, determinando o papel e as características das diversas faculdades cognitivas assim como os sentidos internos, o intelecto possível e o intelecto agente.

Palavras-chave: abstração; sentidos internos; intelecto.

Autores antigos e medievais: Aristóteles; Pedro Hispano.

* Membro do projeto “Petrus Hispanus”, mestre em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal; up201201008@letras.up.pt .

1. Introdução

A *Sententia cum questionibus in libros I-II Aristotelis* atribuída a Pedro Hispano, escrita em 1240-1245, é considerada um dos primeiros comentários latinos ao *De anima* aristotélico.

Com este estudo pretendo fazer uma descrição dos sentidos internos e dos intelectos presentes na *Sententia* e qual a função destes elementos no processo abstrativo. Todavia, é pertinente referir que esta obra chegou até nós através de dois manuscritos, mas ambos se encontram fragmentados. Por esse motivo, o processo abstrativo é aqui reconstituído tendo em conta o texto que subsistiu pois, o nosso autor parece não ter dedicado uma secção específica da obra para tratar da abstração.

Composto por três secções, este estudo, inicia com uma breve apresentação da obra, da época em que foi escrita e dos conteúdos que nela podemos encontrar. Segue-se a esta secção a exposição dos sentidos internos e dos dois intelectos presentes na *Sententia cum Questionibus*. Finalmente, as considerações finais encerram este estudo e mostram quais os sentidos internos e os intelectos que intervêm no processo abstrativo. Para tal foi necessário mostrar como o processo abstrativo ocorre quando a alma conhece aquilo que está fora dela e que dá origem ao conhecimento adquirido.

2. *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis*

A *Sententia cum questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* atribuída a Pedro Hispano é considerada um dos primeiros comentários latinos ao *De anima* aristotélico. Tendo sido escrita por volta de 1240-45¹, surge quando aparecem, inicialmente, no século XII e depois no século XIII traduções das obras de Aristóteles de «tradutores arabo-latinos e greco-latinos»² que proporcionam aos filósofos medievais um conjunto de novos conhecimentos e problemas que ainda não tinham uma resposta ou que nem sequer tinham sido pensados e que vão modificar o seu modo de pensar.

¹ Cfr. R.-A. Gauthier, «Préface», in *Thomas Aquina's Sententia libri De anima*, ed. R.-A. Gauthier, Commissio Leonina, Vrin, Roma 1984. p. 240*.

² J.F. Meirinhos, «Comentar Aristóteles na primeira metade do século XIII. A *Sententia cum questionibus in De Anima* atribuída a Pedro Hispano», *Revista da Faculdade de Letras – Série de Filosofia* 23 (2005), p. 127.

Este comentário ao *De anima* aristotélico, é baseado na *translatio vetus*, tendo o comentário da primeira parte do livro I e a primeira parte do Livro II do *De anima* até 415b27-28. Ficando em falta o comentário a toda a segunda metade do Iº livro, à segunda metade do IIº livro assim como o comentário a todo o livro III do *De anima*, um dos comentários mais interessantes a nível especulativo, na medida em que é este o livro onde Aristóteles discute o intelecto e as faculdades que intervêm no processo abstrativo e, conseqüentemente, o conhecimento. Embora fragmentado, este texto não perde o interesse pois, nele está presente um dos primeiros comentários á obra aristotélica recebida de traduções árabo-latinas e greco-latinas entendido por um autor do séc. XIII.

Relativamente à estrutura da *Sentencia cum Questionibus*, Pedro Hispano antes de iniciar o comentário à obra aristotélica - *De anima* - introduziu três conjuntos de *Questiones Preamble* (QP)³, com perguntas acerca da: 1) estabilidade do sujeito da ciência da alma e a necessidade de uma ciência sobre ela (sobre a ciência da alma); 2) comparação da ciência da alma com as outras ciências e 3) sobre o modo de proceder da ciência da alma. Estes problemas tratam essencialmente de questões epistemológicas e metodológicas e ajudam a compreender a exposição que o nosso autor faz deixando prever algumas respostas ao comentário do livro III do *De anima* de Aristóteles que, infelizmente não chegou até aos nossos dias.

Após as QP, está o comentário que está dividido em *lectiones*, sendo que do livro I subsistem 15 lições e 11 lições do II. Do livro III não há conhecimento de que exista um comentário, dado que nos dois manuscritos⁴ que chegaram até nós não consta essa parte da obra.

Considerando o modo como o comentário foi escrito percebemos que é o resultado «de lições cursórias»⁵ e que tem como principal objetivo esclarecer «o sentido do pensamento de Aristóteles (sentencia) e discutir questões que podem

³ Presentes apenas no manuscrito de Cracóvia (Kraków, Biblioteka Jagielloriska, 726) como uma parte introdutória da obra, não estando, portanto, no manuscrito de Veneza (Veneza, Biblioteca Nazionale Marciana, lat. Z. 253), entretanto descoberto. O manuscrito de Veneza «provém da biblioteca de Bessarion, que em 1468 a doou à República de Veneza», cfr. J.F. Meirinhos, *Bibliotheca Manuscripta Petri Hispani. Os manuscritos das obras atribuídas a Pedro Hispano*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2011, p. 469; J.M. da C. Pontes, «Un nouveau manuscrit des *Quaestiones libri de anima* de Petrus Hispanus Portugalensis», *Recherches de théologie ancienne et médiévale*, vol. 43 (Janvier-Décembre 1976), p. 181.

⁴ Ver nota 3.

⁵ Cfr. J.F. Meirinhos, «Métodos e ordem das ciências no Comentário sobre o De Anima atribuído a Pedro Hispano» in L.A. De Boni (org.), *A ciência e a organização dos saberes na Idade Média*, EDIPUCRS, Porto Alegre 2000, p. 219.

contribuir para a sua melhor compreensão (questiones)»⁶. Sobre a *Sententia cum questionibus in libros I-II Aristotelis*, podemos afirmar que de entre os vários autores e obras citados, Pedro Hispano tem como fontes Avicena e o seu *Liber de anima*, Algazel e a sua *Metaphysica*, também o *Commentarium Magnum Averrois in Aristotle De Anima libros*, assim como outras obras como o *Dux seu Director dubitarium aut perplexorum (Guia de Perplexos)* de Maimónides, a *Fons Vitae* de Avicibrão ou Ibn Gabirol, o *Liber de causis* e Alfarabius (Alfarabi)»⁷. Este último é citado por Pedro Hispano, no entanto o nosso autor não parece conhecer a sua obra em primeira mão⁸.

Como é característico de alguns textos filosóficos escritos por volta de 1240-45, esta obra apresenta dois modos diferentes de comentário: a *sententia* e as *questiones*. A *sententia* é uma explicação com algum detalhe do sentido do texto, não inclui a análise literal e consiste em breves *notanda* e *dubia* que são colocadas na explicação. Todavia, encontramos em alguns autores de *sententiae* apenas a explicação da *intentio auctoris*. Assim, neste tipo de comentário a explicação do texto é sistematicamente combinada com questões desenvolvidas tal como acontece no esquema básico da questão disputada, isto é, primeiro aparece a formulação da questão e depois os argumentos para cada uma das duas respostas possíveis seguidos de, argumentos contra, *solutio*, e, por fim a refutação dos argumentos opostos. Este género de combinação já está presente nos comentários escritos por volta de 1260, como refere Olga Weijers⁹. Pedro Hispano combina a

⁶ Cfr. J.F. Meirinhos, *Metafísica do homem. Conhecimento e vontade nas obras de psicologia atribuídas a Pedro Hispano (século XIII)*, (col. Biblioteca de Filosofia, 29) Edições Afrontamento, Porto 2011, p. 54.

⁷ Meirinhos, *Metafísica do homem*, cit., p. 32.

⁸ Ibidem.

⁹ «À partir de 1260 environ, la plupart des commentaires semblent appartenir à deux genres différents : les *sententie* d'une part, les *questiones* de l'autre. Le type de commentaire qu'on appelle *sententia* consiste principalement dans une explication plus ou moins détaillée du sens (*sententia*) du texte ; il ne comprend pas d'analyse littérale, mais de brefs *notanda* et *dubia* sont insérés dans l'explication. [...] Mais d'autres *sententie* sont limitées à l'explication de l'intention de l'auteur, sans questions et presque sans digressions. [...] Dans ces commentaires, l'explication du texte, la *sententia* est systématiquement combinée avec des *questiones*, des questions développées selon le schéma de base de la question disputée: formulation de la question, arguments pour l'une des deux réponses possibles, arguments pour la position opposée, solution et réfutation des arguments contraires», O. Weijers, «La structure des commentaires», in G. Fioravanti – C. Leonardi – S. Perfetti (eds.), *Il commento filosofico nell'occidente latino (secoli XIII-XV)*, Brepols, Turnhout 2002, pp. 19-20.

intensio auctoris ou a explicação do texto aristotélico, e as questões que, de certo modo despertam mais atenção e interesse visto que é aqui que revela a sua leitura do texto. Diferencia-se, portanto deste novo modo de redigir porque utiliza as *questiones* e a *sententia*, algo que em 1260 parece ser apresentado separadamente.

Tendo sublinhado os rasgos gerais acerca da obra, tratar-se-á, agora, com mais detalhe dos sentidos internos, do intellecto e das funções que estes elementos têm na teoria da abstração presente na *Sentencia cum questionibus* atribuída a Pedro Hispano.

3. O processo abstrativo na *Sentencia cum Questionibus*: sentidos internos e intellecto

Os sentidos internos¹⁰ e o intellecto são elementos essenciais quando tentamos compreender como se dá o processo abstrativo. Assim, será feita uma breve descrição dos sentidos internos e qual o funcionamento do intellecto pretendendo assim clarificar como a alma adquire conhecimento através da abstração. Deste modo, em primeiro lugar serão expostos os sentidos internos identificados por Pedro Hispano na *Sententia cum questionibus*.

Pedro Hispano enumera e identifica três sentidos internos¹¹: sentido comum (*sensus communis*), fantasia e imaginação (*fantasia et ymaginatio*) e memória e reminiscência (*memoria et reminiscentia*)¹². Assim, parece seguir o mesmo número presente na literatura árabe sobre os sentidos internos embora não adote os mesmos sentidos internos que os pensadores árabes como exponho de seguida.

¹⁰ «In Aristotle there is no general term for those faculties of the soul which he treats of in the Third Book of *De Anima* and in *De Memoria et Reminiscentia* to differentiate them as a class from the five senses which he treats of in the Second Book of *De Anima*. In Latin, Arabic, and Hebrew philosophic texts, however, these post-sensatory faculties, or some of them, or sometimes only one of them, are designated by the term “internal senses,” in contradistinction to the five senses which are designated by the term “external senses”», H.A. Wolfson, «The Internal Senses in Latin, Arabic, and Hebrew Philosophic Texts», *The Harvard Theological Review*, vol. 28, n. 2 (1935), p. 69.

¹¹ «...in the case of Arabic literature [...], the term “internal senses” appears from the very beginning as a generic term which includes a variety of post-sensatory faculties. In its simplest forms it is used to include three faculties: imagination (φανταστικον) cogitation (διανοητικον), and memory (μνηονευτικον)».

¹² «virtutes autem interiores sunt sensus communis, ymaginatio et fantasia, memoria et reminiscentia.» QP2, q15, r3.

Apesar de referir o sentido comum, não o trata com detalhe, menciona apenas que é a primeira potência sensível interna¹³, sendo também a potência mais abstrata e potente (*potentior*) que supera os sentidos particulares e que, tal como a alma intelectual, não está obscurecida por qualquer órgão. Neste sentido, percebemos que ao sentido comum não corresponde apenas um sentido, mas sim os sensíveis comuns¹⁴. Para além disso, Pedro Hispano afirma que este sentido interno é a raiz de todas as potências sensíveis¹⁵ e, por isso, é a potência à qual todas as outras potências sensíveis são reconduzidas¹⁶, isto é, será no sentido comum que todas as outras potências vão convergir¹⁷. Tem, portanto, como função coordenar todos os dados dos sentidos, distinguindo e unindo as sensações daquilo que é percebido. Deste modo, podemos dizer que é uma potência comum ao corpo e à alma¹⁸ porque a ele chegam as primeiras impressões dos sentidos, sendo por ele coorde-

¹³ «Item in uirtutibus sensibilibus est uirtus influens supra omnes differentias sensuum sicut sensus communis. Set illud a quo recipiunt omnes uirtutes influentiam in genere aliquo est illud ad quod reducuntur omnes uirtutes in illo genere. Ergo omnes uirtutes sensibiles reducuntur ad aliquam primam uirtutem sensibilem regulantem ipsas et influentem super ipsas», LII, lec8, q2, r1; «Sensibiles autem uirtutes reducuntur ad unam primam sensibilem uirtutem et hec est sensus communis ad quem omnes uirtutes reducuntur», Petrus Hispanus, *Sententia cum questionibus in libros I-II De Anima*, (nova edição por Celia López Alcalde in progress), LII, lec8, Solutio.

¹⁴ «No que respeita a cada sentido, temos de nos pronunciar primeiro acerca dos sensíveis. «Sensível» diz-se em três aceções: em duas delas dizemos que os percebemos por si mesmos, na outra por acidente. Dos dois primeiros sensíveis, um é próprio de cada sentido, enquanto o outro é comum a todos. [...] Os sensíveis daquele tipo são, portanto, os ditos «próprios de cada sentido». Os comuns, por seu turno, são o movimento, o repouso, o número, a figura e a grandeza. É que estes não são próprios de nenhum sentido, sendo antes comuns a todos.», Aristóteles, *Sobre a Alma*, 418a7-418a15/ 418a15-418a20.

¹⁵ «Sensus autem communis radix est omnium uirtutum sensibilium...», Petrus Hispanus, *Sententia cum questionibus in libros I-II De Anima*, cit., LI, lec6, q2, r3.

¹⁶ «... set alia uirtus interior abstractior est et potentior, scilicet, sensus communis qui est superior ad sensus particulares. Sic autem non est de anima intellectiua, quia sic non est obumbrata, et propter hoc ipsa se et suum actum potest apprehendere», Petrus Hispanus, *Sententia cum questionibus in libros I-II De Anima*, cit., QP1, q7; «Sensibiles autem uirtutes reducuntur ad unam primam sensibilem uirtutem, et hoc est sensus communis ad quem omnes uirtutes reducuntur.», *Ibid.*, LII, lec8, q2, Solutio.

¹⁷ «In the language of Avicenna it is described as the sense wherein the impressions conveyed through the sense organs are assembled and unified», Wolfson, «The Internal Senses...», cit., p. 95.

¹⁸ «Alio modo dicitur uirtus indifferens ad multa quia omnes formas corporales nata est comprehendere, non tamen extra materiam eas comprehendit et talis est sensus communis, et talis non est propria set communis, et quia est uirtus illa alligata organo est corporali.», Petrus Hispanus, *Sententia cum questionibus in libros I-II De Anima*, cit., LI, lec6, q2, r3, ad.

nados de modo a que essas primeiras sensações alcancem através de um processo de abstração o intelecto, que não tem impressões nem espécies sensíveis, mas sim espécies inteligíveis. Esta descrição do sentido comum assemelha-se muito à definição dada por Avicena¹⁹. Acerca da fantasia e a imaginação parecem ser em Pedro Hispano a mesma faculdade²⁰. Têm, como é dito no *De anima* aristotélico²¹ a função de produzir a imagem, na ausência do objeto. Não é nem como os sentidos nem como o intelecto, mas o que está entre eles²². Assim, recebe dos sentidos exteriores a espécie sensível, e leva-a depois de “convertida” até ao intelecto possível quando esta já é um fantasma (*phantasma*). Há, portanto, um primeiro grau de abstração que é o da receção da impressão sensível nos órgãos que são afetados pelo objeto exterior á alma, e depois uma segunda abstração na

¹⁹ «Sensibiles autem uirtutes reducuntur ad unam primam sensibilem uirtutem, et hoc est sensus communis ad quem omnes uirtutes reducuntur.», Petrus Hispanus, *Sententia cum questionibus in libros I-II De Anima*, cit., LII, lec8, q2, Solutio; «Sensus autem qui est communis alius est ab eo quem tenent illi qui putaverunt quod sensibilia communia haberent sensum communem : nam sensus communis est virtus cui redduntur omnia sensata.», Avicenna Latinus, *Liber de anima sextus de naturalibus (IV-V)*, éd. critique de la traduction latine médiévale par S. Van Riet, introduction sur la doctrine psychologique d’Avicenne par G. Verbeke, Éditions Orientalistes – Brill Louvain – Leiden 1968, VIII-142*334, IV,1, t.1, p. 1.

²⁰ Estes dois conceitos são utilizados nesta época arbitrariamente e por isso podem causar ambiguidades quando procuramos compreender o que os autores pretendem dizer quando aplicam um conceito ou outro, visto que a imaginatio «es un término que los escolásticos han utilizado como sinónimo de fantasia. Con todo, esta última equivale a lo que hoy denominaríamos “imaginación”; en cambio, i. tiene una extensión y comprensión mayores. Así, por ej., en el Avicena latino, el término i. alude a lo que en Averroes es *formatio* o *informatio* en sentido gnoseológico, ya que indica la primera operación del espíritu, esto es, la simples aprehensión.». Já a *phantasia* é a «directa transcripción latina de la voz griega *fantasia*, algunas de cuyas traducciones son “aparición”, “espectáculo”, “representación”. Alude en general, a una actividad de la mente mediante la cual se producen imágenes, llamadas *phantasmata*, por lo cual, a veces, se la identifica con la imaginación. Entre los pensadores antiguos, Aristóteles concedió especial atención al tema. Para él. La ph. radica en el poder de suscitar imágenes, aun cuando no se hallen inmediatamente presentes los objetos o fuentes de las sensaciones [...] Los escolásticos, en cambio, usaron los términos *fantasia* e *imaginatio* prácticamente como sinónimos», *«phantasia»*, S. Magnavacca, *Léxico Técnico de filosofía Medieval*, Miño y Dávila Editores, Buenos Aires 2005, p. 330; p. 521. Cfr. Aristóteles, *Sobre a Alma*, 425b20 – 425b30.

²¹ Cfr. Aristóteles, *Sobre a Alma*, 425b20 – 425b30.

²² «...de quibus inuestigationem habemus secundum uiam imaginationis et fantasie que est uirtus proxima sensui media inter sensum et intellectum...», LI, lec5, sent2; «Set inter sensum et intellectum est phantasia media, que siquidem species sensibiles ad intellectum reducit, ergo intellectus contingit per, coniunctionem sui ad phantasiam, ergo non contingit intelligere sine phantasmate», Petrus Hispanus, *Sententia cum questionibus in libros I-II De Anima*, cit., LI, lec6, q3; Cfr. C. López Alcalde, «The Concept of ymaginatio in the the Commentary on the De Anima Attributed to Petrus Hispanus», *Mediaevalia* 33 (2014) 38-50.

qual se faz a “conversão” da espécie sensível em fantasma, que é aquilo chega ao intelecto possível. Sobre este assunto concordo com o estudo realizado por Celia López²³, onde é feita uma análise destes dois termos no comentário: o conceito de imaginação é semanticamente mais extenso, porque está diretamente ligado à teoria aristotélica do conhecimento, sendo uma faculdade que produz a imagem de um objeto quando este não está mais presente. Por outro lado, fantasia é utilizada num sentido mais estrito, e refere-se essencialmente ao conteúdo sensível que é necessário para conhecer, mas é também entendida como o lugar do fantasma ou até mesmo o próprio fantasma. Assim, a imaginação seria aquela potência que produz a imagem sem ser necessária a presença do objeto, e a fantasia é o lugar onde estão as imagens pelas quais é possível conhecer o que é percebido e é também as próprias imagens, isto é, o fantasma.

Sobre a memória e a reminiscência, Pedro escreve escassas linhas que não estão relacionadas com o conhecimento abstrativo, mas com o autoconhecimento da alma. Deste modo, Pedro Hispano define a memória como «conseruatiua intercisa»²⁴. Parece assim que entende sob o termo de memória também a reminiscência. Porém, dá-nos também notícia da memória através de uma citação dos *Analíticos Posteriores* onde pretende mostrar que pela memória se chega ao universal, embora não nos indique como este processo acontece:

In secundo *Posteriorum* scribitur quod ex pluribus sensibus fit unum experimentum et ex pluribus experimentis una memoria, et ex pluribus memoriis unum memorabile uel unum uniuersale, quod est principium cuiuslibet artis et scientie²⁵.

Neste pequeno excerto Pedro Hispano sustenta, tal como Aristóteles, que a partir de muitos dados sensíveis se dá a experiência; de muitas experiências a memória, e de muitas memórias o memorável ou o universal, que coloca como sinónimo neste fragmento, e que é o princípio de qualquer ciência e arte. Portanto, o nosso filósofo parece afirmar que a memória permite alcançar o universal através da experiência obtida pela abstração dos objetos corporais. A abstração

²³ Cfr. *Ibidem*.

²⁴ «Memoria est conseruatiua intercisa, ergo possibile est quod cognitio quam habet de se transear et postea reheatatur. Set illud quod iam transactum est non idem numero uenit in memoria», Petrus Hispanus, *Sententia cum questionibus in libros I-II De Anima*, cit., QP2, q15, r2.

²⁵ *Ibid.*, QP3, q1, r2; cfr. *Analíticos Posteriores*, II, cap. 19, 100a1-100b1, em *Órganon*. As referências aqui utilizadas são da edição de I. Bekker, recorrendo ocasionalmente aos textos de L. Minio-Paluello, W.D. Ross e J. Brunschwig, referências dadas pelo editor.

destes (sensíveis) parece ficar armazenada na memória e, por isso de cada vez que um objeto particular se assemelha a um já experienciado, a memória guarda-o e, tal como escrito por Aristóteles na *Metafísica*, «muitas recordações do mesmo objeto particular chegam a constituir uma experiência única. A experiência parece um pouco semelhante à ciência e á arte. Com efeito, os homens adquirem ciência e arte por meio da experiência. [...] a experiência é conhecimento dos particulares, enquanto a arte é conhecimento dos universais»²⁶. De outro modo, aquilo que aqui se está a afirmar é que a memória não é mais aquilo que é conhecido no instante, mas a lembrança sensível daquilo que se conheceu e dela parece resultar o universal. Ou seja, a memória não sendo jamais aquilo que foi conhecido no momento presente é aquela faculdade que permite recordar o conhecido no passado, e a partir do conhecimento das experiências particulares de um objeto permite que se chegue ao universal.

Podemos então dizer que esta faculdade é o processo final da percepção sensorial. Neste sentido, tudo indica que a memória de que Pedro Hispano trata é uma memória sensorial e não uma memória intelectual. Vemos, portanto, que a sua interpretação deste sentido interno não difere muito nem dos ensinamentos aristotélicos nem de autores que lhe são contemporâneos²⁷.

Tendo exposto os três sentidos interiores mencionados por Pedro Hispano, mas que nas teorias canónicas são cinco, como em Avicena, ou quatro, como em Averróis, serão agora apresentados os cinco sentidos externos que percecionam os corpos do mundo exterior e apreendem as espécies sensíveis dos objetos, fazendo por isso parte das potências apreensivas. Através destes (visão, olfacto, audição, paladar e tato)²⁸ faz-se uma primeira abstracção, a da sensação que separa a matéria do objeto externo que nos dá a espécie sensível, daquilo que eles perce-

²⁶ Aristóteles, *Metafísica*, introdução, texto grego com tradução e comentário de G. Reale, trad. de M. Perine, Edições Loyola, São Paulo 2005-2011, 980b-981b.

²⁷ «Virtus autem recordatiua est ut memoria et reminiscentia: memoria est in brutis et hominibus, reminiscentia autem est in hominibus tantum: reminiscentia enim est quae sillogimus, contingit enim recordari prius per posterius, et ideo appropriatur rationalibus», II. 2 <expositio littere>, Anonymi magistri artium (Ms. Roma, Biblioteca Nazionale Centrale «Vittorio Emanuele», 828), *Lectura in Librum De anima: a quodam discipulo reportata*, ed., R.-A. Gauthier, Collegii S. Bonaventurae ad Claras Aquas, Grottaferrata (Romae) 1985. ;«reminiscentia uero se habet ad intellectum sicut memoria ad sensum», II 26, Q.2, Anonymi, magistri artium (c. 1246-1247), *Sententia super II et III De anima*, ed. e estudo de B. Carlos Bazán, Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie – Éditions Peeters, Louvain-La-Neuve – Louvain – Paris 1998.

²⁸ «Virtutes exteriores sunt quinque sensus», Petrus Hispanus, *Sententia cum questionibus in libros I-II De Anima*, cit., QP2, q15, r3.

cionam. Depois, como já referido, dá-se uma segunda abstração na qual se faz a conversão da espécie sensível em fantasma que é levado através da imaginação até ao intelecto²⁹.

Deste modo, os sentidos externos e internos são peças fundamentais para a construção do processo abstrativo na medida em que para Pedro Hispano, tal como em Aristóteles, *nichil quod non prius fuerit in sensu, cadit in intellectu*³⁰.

Tendo estudado os sentidos (externos e internos), aprofundar-se-á o modo como o nosso autor trata do intelecto. Neste sentido, apresentamos como ocorre o conhecimento adquirido pela alma.

O intelecto em Pedro Hispano divide-se em possível e agente e estes têm as funções atribuídas por Aristóteles no *De anima*. Isto é, o intelecto possível é o receptor das espécies que serão iluminadas pela luz do intelecto agente dando assim origem ao conhecimento completo. Este conhecimento é denominado adquirido e surge como o conhecimento que é recebido em último lugar. I.e., aquele conhecimento que se inicia nos sentidos externos (visão, audição, olfato, paladar e tato) que ao tomarem contato com os objetos corporais, fazem com que seja possível abstrair deles aquilo que mais espiritual têm - a espécie sensível. Depois, através da iluminação do fantasma (imagem/espécie sensível) no intelecto possível pelo intelecto agente é criado o inteligível pelo qual é possível conhecer aquilo que está fora da alma. Portanto, nele (no intelecto) operam o intelecto possível e o agente, sendo o primeiro aquele que recebe o fantasma (já transformado em espécie inteligível pois já foi iluminado pelo intelecto agente) do que é corporal que, primeiramente, foi percebido pelos sentidos externos e “convertido” em fantasma pela imaginação, que ao ser iluminado pelo intelecto agente forma o inteligível e permite conhecer completamente³¹.

²⁹ Quarta uero abstractio est acceptio speciarum a sensibilibus secundum representationem earum ad uirtutem intellectiuam, et hec abstractio est uia in cognitionem», Petrus Hispanus, *Sententia cum questionibus in libros I-II De Anima*, cit., QP3, q1, Solutio.

³⁰ Ibid., QP1, q1, r1, ad.

³¹ «Dicendum est quod uirtuti anime agenti intellectiue debetur hoc, scilicet, cognoscere se ipsam. Set dicendum est quod cognitio anime sui ipsius est duplex: una est anime per reflectionem supra se, et hec maxime appropriatur intellectui agenti, cum sit lux ipsius anime et acies per quam nunquam deuiat a ueritate. Alia est que est per reflectionem supra alia per quam ultimo se cognoscit; et in ista sunt duo, scilicet illud quo cognoscit, et hoc est intellectus agens, et illud quod recipit, et hoc est intellectus possibilis; et per illuminationem agentis supra possibilem est cognitio completa», Ibid., QP1, q8, Solutio.

Assim, para Pedro Hispano, a alma intelectiva é composta pelo intelecto possível e pelo intelecto agente. Este último tem uma dupla função: por um lado, faz com que a alma reflita sobre si mesma na medida em que é a luz própria da alma³². Por outro lado, ao iluminar as espécies inteligíveis no intelecto possível, faz com que a alma reflita sobre aquilo que está fora dela e, devido a isso tem conhecimento de si. Neste sentido, mostra-se que existe uma dupla operação (ação) na alma intelectiva: uma mais virada para o corpo, para os sentidos e aquelas coisas que estão no corpo, precisando por isso da fantasia – o intelecto possível. E outra que é uma operação própria da alma que não está virada para o corpo e, por isso, não depende da fantasia, como se mostra no seguinte excerto:

In anima intellectiua duplex est operatio: una per quam respicit corpus et ea que sunt et corpore et quantum ad istam partem recipit anima a uirtutibus sensibilibus, et hoc modo operatio sua permixta est cum phantasmate, et iste intellectus possibilis materialis est. Alia est uirtus anime intellectiue per quam non respicit corpus, set est uirtus propria, et est intellectus agens, et hec non dependet a phantasia et de hac non est intelligendum quod non contingit intelligere sine phantasmate³³.

Portanto, o intelecto agente, é uma operação da alma intelectiva que se conhece a si mesmo, sendo a luz própria da alma que permite que ela reflita sobre si mesma sem nunca se desviar da verdade. Contudo, age também sobre o intelecto possível. Ilumina-o sempre e quando nele se encontra uma espécie inteligível, permite que a alma conheça o que existe fora dela. A primeira ação é-lhe inata e não depende em nada nem do corpo nem da fantasia, e, por isso, é através do intelecto agente que a alma se conhece a si mesma, isto é, conhece-se por presença. A outra ação relaciona-se com o conhecimento que é adquirido. Neste caso, necessita do intelecto possível porque ele é mais inclinado para os sensíveis, logo aquilo que vai ser conhecido pela alma após o intelecto possível ser iluminado pelo intelecto agente será algo que está fora dela, mas que permite que ela conheça. Isto que ela conhece e que está fora dela é também útil para o conhecimento de si mesma, na medida em que ela se apercebe de si também pela presença do que está fora dela. Neste caso, para que algo do mundo seja conhecido é necessário o corpo e a fantasia, e, assim o que se conhece conhece-se por abstração.

³² Dicendum est quod uirtuti anime agenti intellectiue debetur hoc, scilicet, cognoscere se ipsam. Set dicendum est quod cognitio anime sui ipsius est duplex: una est anima per reflectionem supra se, et hec maxime appropriatur intellectui agenti, cum sit lux ipsius anime et acies per quam nunquam deuiat a ueritate», *Ibid.*, QP1, q8, Solutio.

³³ *Ibid.*, LI, lec6, q3, Solutio.

Deste modo, a alma conhece os objetos exteriores através do trabalho conjunto do intelecto possível e do agente. O agente ao iluminar e dirigir o possível fá-lo passar a ato e devido a isso é possível à alma conhecer o mundo exterior. Assim, assevera Pedro Hispano que a potência do intelecto agente é mais abstrata e não se inclina sobre as potências sensitivas estando, assim, mais presente para si mesma, conhecendo-se maximamente, e sendo a luz própria da alma que nunca se desvia da verdade³⁴.

Portanto, é pela iluminação do intelecto agente que a alma se conhece a si mesma, porque esta potência é inata e foi dada à alma pelo Primeiro³⁵. Este conhecimento é aquele que a alma tem desde o início, que provém do seu Criador e que lhe permite ter noção de si mesma, sendo-lhe natural³⁶.

4. Considerações finais

A *Sententia cum Questionibus in libros De anima I-II Aristotelis* é considerada um dos primeiros comentários latinos ao *De anima* aristotélico, tendo surgido aquando das traduções greco-latinas e arabo-latinas de obras de Aristóteles e tendo como fontes Avicena, Algazel, Averroís, Maimónides, Avicibrão, Alfarabi e o *Liber de causis*, revela nos seus conteúdos um notável conhecimento da literatura disponível na primeira metade do séc. XIII. Por isso mesmo, quando estudamos os sentidos internos presentes na *Sententia* de Pedro Hispano verificamos a presença não só do pensamento aristotélico mas também o de autores árabes. Tal é notório quando procuramos pela definição de sentido comum de Pedro que em muito se assemelha à de Avicena. Sobre a fantasia e a imaginação entendemos que, no processo abstrativo, desempenha um importante papel sendo através dela que se dá a segunda abstração na qual as impressões dos objetos corporais são recebidas dos sentidos (primeira abstração). Após a segunda abstração o fantasma é iluminado pelo intelecto agente e juntamente com o intelecto possível é possível conhecer o que está fora da alma.

³⁴ Ver nota 29.

³⁵ «Anima enim illuminata est a Primo et data est ei uirtus a principio ut cognoscat se ipsam et diuinum bonum, et de hac cognitione uerum est quod est ei innata», Ibid., QP1, q2, Solutio; «... una est que per reflectionem sui ipsius supra se, et hec est cognitio per naturam», Ibid., QP1, q9, r2. ad. Ver nota 101.

³⁶ Ibidem.

Estas duas operações do intellecto mostram que no intellecto há uma parte mais virada para os sensíveis – o intellecto possível- e outra mais virada para as coisas espirituais. Sobre o primeiro, podemos dizer que Pedro Hispano o entende á la Aristóteles e, por isso este intellecto recebe as espécies inteligíveis, sendo também iluminado pelo intellecto agente que o dirige e o faz passar a ato. O intellecto agente, por sua vez, distancia-se dos sensíveis e têm uma dupla função: ilumina as espécies inteligíveis no intellecto possível e o próprio intellecto possível e, deste modo faz com que a alma reflita sobre si mesma. Mas também faz com que a alma reflita sobre si mesma visto que é a luz própria da alma e por isso permite que a alma se conheça a si mesma por presença.

Assim, parece-me que quanto ao conhecimento que a alma tem de si mesma é necessária a potência do intellecto agente porque este é a luz própria da alma e por isso permite que ela se conheça a si mesma. Deste modo, a alma conhece-se a si mesma desde que foi criada³⁷. Todavia, não podemos afirmar que este seja um conhecimento científico da alma³⁸ porque ainda que seja certo que a alma seja iluminada pelo Primeiro e lhe seja dada desde o início a potência para que se conheça a si mesma³⁹ e ao bem divino, este conhecimento é apenas o conhecimento de si. Este conhecimento da alma é aquele que ela tem de si mesma por reflexão sobre si.

Portanto, pelo que foi dito, conclui-se que o intellecto agente é o responsável pelo autoconhecimento da alma dado que intellecto possível está mais próximo das potências sensíveis e, como a alma é uma substância espiritual não é capaz de conhecer aquilo que é corporal enquanto corporal dado que apenas conhece através do espiritual.

Em suma, podemos afirmar que para Pedro Hispano na alma há um duplo conhecimento: 1) o conhecimento adquirido que tem origem nas coisas abstraí-

³⁷ A alma conhece-se desde que foi criada devido ao intellecto agente que a ilumina e nunca se desvia da verdade. *Ibid.*, QP1, q2, Solutio.

³⁸ «Set tamen distinguendum est quid anima duplicem habet cognitionem. Habet enim cognitionem unam quam habet a creatore a quo exit et hanc habet naturaliter. Et hec est cognitio summi boni et sui ipsius. Hec enim cognitio insita est ei naturaliter et potentia ad hoc. Et hec est ei innata. Est autem alia cognitio anima quam habet mundanorum quam per fantasmata acquirit et hec est ei acquisita et non innata. Et de hac locuntur omnes philosophi qui dicunt quod anime cognitio est acquisita. De prima autem non est cerum. Anima enim illuminata est a Primo et data est ei uirtus a principio ut cognoscat se ipsam et diuinum bonum, et de hac cognitione uerum est quod est ei innata; et hec non est cognitio sciencifica ipsius animae, set est cognitio sui. De cognitione autem sciencifica dicendum est quod non est nobis innata set potius acquisita», *ibid.*, QP1, q2, Solutio.

³⁹ Trata-se aqui da potência do intellecto agente, que é a própria luz da alma.

das e 2) o conhecimento que provém do Primeiro e que causou a alma e que lhe permite conhecer o sumo bem assim como a si mesma. Então, temos um conhecimento que é inato, mas que não pode ser entendido como o conhecimento científico da alma porque neste caso não conhecemos as causas desse conhecimento. Por outro lado, temos o conhecimento científico, que é o adquirido.

Destes dois interessa-nos o primeiro na medida em que é nele que se dá a abstração que permite conhecer aquilo que está fora da alma e que dá ao ser humano o conhecimento científico os objetos. Em Pedro Hispano, acontece em três «graus». O primeiro é o da abstração da forma a partir da matéria, depois o da “conversão” da espécie sensível e fantasma e o terceiro será aquele que pela iluminação do intelecto agente no possível faz com que através da luz do intelecto agente o fantasma passe a espécie inteligível, ou seja faz com que o fantasma passe a ato e, portanto, seja possível conhecer completamente.

Assim, a abstração presente na *Sententia cum questionibus in libros I-II Aristotelis* atribuída a Pedro Hispano inicia o seu processo no momento em que o que há no mundo é percebido por um ser, seja ele animal ou humano (sendo que este último é também o anterior, não se sucedendo necessariamente o contrário). No entanto, tratar-se-á, aqui, da abstração no ser humano. Deste modo, expõe Pedro Hispano que a abstração tem início quando o ser humano percebe através dos sentidos externos (visão, audição, olfacto, paladar e tacto) um objeto corporal (matéria), ficando dessa percepção uma espécie sensível (impressão que é a espécie da coisa corporal) que através da imaginação (sentido interno) se torna em fantasma (*phantasmata*) que ao recebido no intelecto possível (*intelectus possibilis*) que iluminado pelo intelecto agente (*intelectus agens*), permite o conhecimento completo daquilo que foi percebido pois, o inteligível só existe devido ao trabalho conjunto dos dois intelectos.